"ALMINHAS", NICHOS e CRUZEIROS de S.VICENTE -BRAGA

"Defender o Património Cultural de um Povo...é garantir, mais do que o seu presente, o seu futuro, o seu alimento" - Ademar Ferreira dos Santos, 1982; in ASPA 35.

1 - Será rara a entrada de povoação, encruzilhada de caminho ou proximidade de ponte onde se não veja um nicho dedicado a um santo, uma cruz de pedra, tosca ou trabalhada a primor ou, mais frequentemente, sobretudo no norte e centro do País, um painel representando as almas entre chamas do Purgatório. "Alminhas, Nichos e Cruzeiros de Portugal" — Fascículo I, Texto de Luís Pinheiro; Direcção Artística de Luís de Campos; Orientação do Rev. Cónego Dr. Luciano Afonso dos Santos; 1957 - pág.2.

As alminhas - diz o Dr. Luis Chaves - têm o conceito cristão de memorar as almas dos defuntos, os "fiéis defuntos", pedindo concomitantemente para elas as orações dos fieis ainda vivos.

No seu livrinho "Arte Popular", diz ainda o Dr. Luís Chaves: "As expressões populares do culto dos mortos são essencialmente cristãs, embora se lhes reconheçam antecedentes e paralelismos arcaicos, afinal bem compreensíveis, desde que reconheçamos em todas as religiões antigas e modernas um fundo comum de carinho, intimidade e respeito, muito de piedade e receio, pelos mortos". E, mais adiante: "O penar das almas nas labaredas do Purgatório vem das lições de Cristo, e vai para a libertação final por dedicada intercessão final de todos nós. Roga-se pelas almas dos que estão para morrer, subam elas da terra ou das procelas do mar; e, com tantos rogos, pretende-se que elas vão directamente à mão de Deus, à sua mão "direita", sem passarem pelas chamas purgantes. Que dedicação esta dos homens a Deus e de Deus aos homens, na infinita diferenciação dos seres, para que do pedido filial deles resulte o perdão do Pai". É este o sentimento popular e a finalidade da terna devoção do povo pelas "alminhas" in ob.cit. - pág.4.

2 - Na "Encomendação, Botar ou Lançar as Almas" - Memórias de um Ritual, acção que teve lugar em Março de 2013 no Miradouro do Sagrado Coração de Jesus, Campus Camões, da Univ. Católica, sito na rua Camões, freguesia de S. Vicente, e levada a cabo pela rusga de S. Vicente, dizia a Drª Alexandra Esteves que "já em 1254, no tempo do Papa Inocêncio IV, era conhecido o ritual ligado ao culto das almas ("as almas eram purgadas dos seus pecados através do sofrimento pelas chamas e das orações dos fiéis devotos"); só depois de expiados os seus males e "limpas" das suas "faltas", elas estariam em perfeitas condições de ir para o "Reino da Glória". Igualmente o Concílio de Trento, sobretudo através das confrarias implementadas pelas Ordens Religiosas, apelava à necessidade de "orar pelas almas do Purgatório". Em 1537 o Arcebispo de Braga mandava que se rezasse "pelas benditas almas do Purgatório".

O chamado "Culto de Encomendação das Almas", como também o "Culto das Ave Marias" e das "Trindades", que é tipicamente português (não parece existir em qualquer outro país da Europa, incluindo a vizinha Espanha), era habitualmente protagonizado por grupos de mulheres, ainda que, por vezes, o fosse também por homens ou, então, conjuntamente por homens e mulheres.

Ainda relacionados com este culto são muito frequentes, praticamente em todo o país, os nichos das "Alminhas do Purgatório", manifestações iconográficas bem reveladoras de uma fé no Além, e cujas raízes mais profundas nada repugna que pareçam ter explicação, tanto no Antigo Testamento, como na religiosidade pagã, sendo muito mais tarde sacralizadas pelos ditames evangélicos da civilização cristã.

As lançadeiras ou lançadores do "deitar das almas", pelas "trindades", subiam aos lugares mais altos das aldeias, empoleirando-se em árvores, para daí lançarem o ritual cantado.

Nas cidades também se praticava este ritual, como foi sustentado por Maria Almendra, neta de uma conceituada "lançadeira d'almas", a partir do "Penedo da Moura", espaço contíguo ao reservatório de água da Rua Camões, em S. Vicente. Eis a letra de um dos espécimes recolhidos pela Rusga de S. Vicente:

Alerta, alerta

A vida é curta

E a morte é certa...

Ó irmãos meus,

Filhos de Nosso Senhor

Jesus Cristo;

Quem puder

Reze um Padre Nosso

E uma Avé Maria

Pelas benditas almas

Que estão no Purgatório...

Ver, também, o que a este respeito diz Fernando Pinheiro no seu livro "A Freguesia de S. Vicente – UMA JÓIA PATRIMONIAL e HUMANA", pág. 63.

3 - "Se bem que nada possamos afirmar quanto à data da construção dos primeiros nichos de "alminhas" em Braga, supomos não nos enganarmos muito se fixarmos nos fins do Séc XVII, precisamente a época tida como a da maior expansão desta devoção em Portugal".

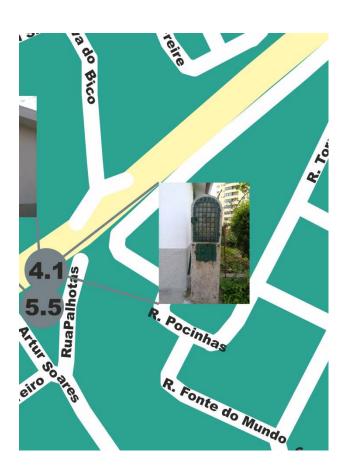
Na região de Braga (...), por exemplo, é comovedor o carinho posto na ornamentação das "alminhas". Por toda a parte se encontram com jarras de flores frescas e candeias de azeite ou, então, castiçais onde, frequentemente, todas as noites ardem velinhas. São, em geral, os vizinhos que desse trabalho se encarregam. Infelizmente, e salvo raríssimos casos, quanto à sua origem, apenas nos dizem "que são muito antigas; não lembra a ninguém de terem sido ali colocadas. Inscrições nas pedras, poucas as têm, e quando existem, são apenas datas, nunca anteriores ao séc. XVIII. *in* **Pág.17, ob.cit.**

4 - "ALMINHAS" de S.VICENTE

" São muitos os nichos com painéis de "alminhas" espalhados pela cidade. Uns, de construção recente; outros, como o da capelinha de S.ta Justa, de recuados tempos, a atestar a antiguidade desta devoção em Braga.

Ainda que nenhum dos painéis prime pela beleza da pintura, alguns há de regular perfeição, o que não é de admirar numa terra onde abundam os pintores de arte sacra.

4.1. Junto do **Oratório do Senhor das Injúrias**, nas Palhotas, e com a imagem de Nª. Sª do Carmo, encontra-se um Nicho de **"ALMINHAS"**, que foi cravado num marco de pedra, como o são os do Areal de Cima e do Monte d' Arcos.





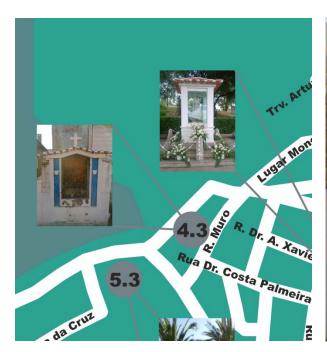
4.2. A pintura do painel das "**ALMINHAS**" da Rua Conselheiro Januário, junto da igreja de S. Vicente, cuja intenção do pintor parece ter sido a de ali representar S. Vicente com o tradicional barquinho...(apenas a proximidade da igreja, dedicada àquele Santo, nos leva a essa conclusão), encontra-se bastanta deteriorada.







4.3. Na Rua do Muro, zona de Monte Crasto, existem umas "ALMINHAS" meio abandonadas, dedicadas "ao S.Bentinho" e, segundo uma vizinha que "trata delas", foi mandada construir pelo Sr. José "Rei do Sebo", em tempos que já lá vão…





4.4. Existem também outras "**ALMINHAS**", que ficam na margem da estrada que vai para a Ponte do Bico, um pouco abaixo da Rotunda de Infias, mas ainda dentro dos limites da freguesia de S.Vicente.



5 - NICHOS, ORATÓRIOS e CRUZEIROS

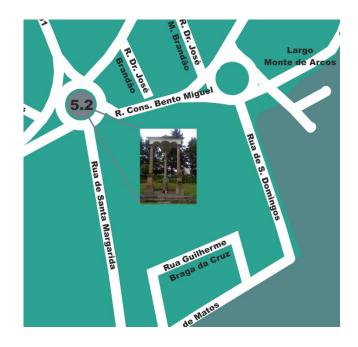
5.1. Nicho do Sagrado Coração de Maria, no Bairro da Misericórdia, de construção ainda recente (inaugurado em 02/07/1988). Nele, periodicamente, se celebram alguns actos de culto, sobretudo durante o mês de Maio, para além da frequente veneração de muitos bracarenses, sobretudo dos residentes naquela área.





5.2. Cruzeiro do Senhor das Ânsias (*Infias*). Encontra-se em frente à estrada que dá para a Ponte do Bico, depois de ter estado no local onde hoje se encontra (encontrava...)a fábrica "Pachancho". Está resguardado por um lindo alpendre sustentado por três colunas coríntias. Esteve originariamente no cimo da Rua dos Chãos, em frente da Rua do Carvalhal, onde o mandou colocar o Arcebispo D. Diogo de Sousa no primeiro quartel do Sé. XVI.





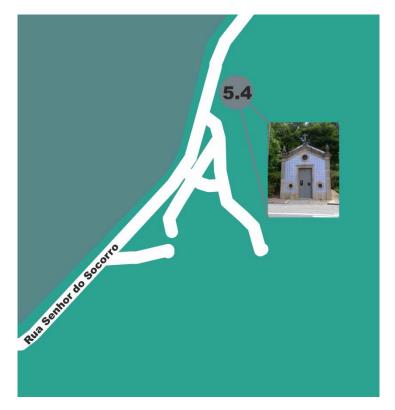
5.3. Capela/Oráculo em honra de Nossa Senhora do Monte, na rua do mesmo nome e a confrontar com S. Martinho de Dume, mas ainda pertença da freguesia de S. Vicente. **NOTA RETIFICATIVA**: Posteriormente à elaboração deste trabalho, e após fundamentadas justificações

do pároco da freguesia e outros residentes da área, tomei conhecimento que, de facto, esta Capela/Oráculo pertence à freguesia de S.Martinho de Dume.





5.4 Capela/Oráculo do Senhor do Socorro, sito na estrada Braga-Adaúfe, na zona da Confeiteira, mais concretamente na Rua do Senhor do Socorro.





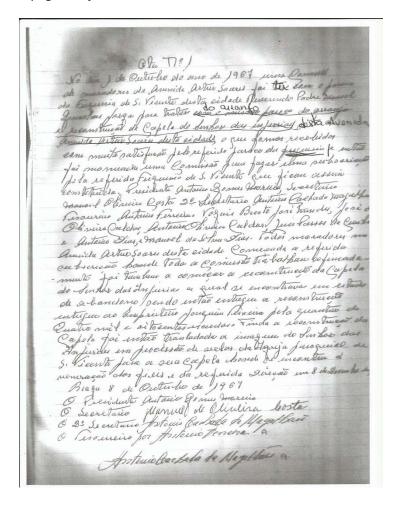
5.5. Oratório das Palhotas. Deixamos para o final a referência a este Oratório, tão querido para S. Vicente e, sobretudo, para as gentes da Avenida Artur Soares! Nele se encontra um Crucifixo/Pintura sobre madeira recortada muito antiga, ao lado da outra escultura, mais moderna, sob a invocação de *"Senhor das Injúrias"*, bela imagem de Cristo, que é muito festejada. O alpendre que a cobre assenta sobre quatro colunas jónicas.



No que respeita à história deste Oratório, sabe-se que inicialmente" estava situado na *Calçada da Cabana*, zona mais tarde *cortada* pela variante, actual *Av. António Macedo*; de seguida, "é que foi trasladado para o local onde hoje se encontra, na Rua das Palhotas", segundo o testemunho do vicentino Sr. José Braga. Entretanto, só dois documentos nos foi possível consultar: o "Livro de Atas" e o "Livro Caixa", já que parece não existir mais algum, conforme se pode ler no "Livro Caixa", logo na 1ª pág. "Este livro é antigo entrou chuva ou água da janela alagou tudo" (sic) ", ou ainda na antepenúltima pág., onde consta: "livro antigo que apanhou chuva no armarinho alagou tudo" (sic). Neste livro apresentam-se as contas, ainda que por vezes de forma algo desorganizada, mas sempre com uma aceitável e pormenorizada explicação contabilística entre receitas e despesas: "Este livro tem todas as coisas de que comprarão até certa data" (sic). A última data registada refere-se ao ano de 2007.

Quanto ao "Livro de Atas" a 1ª, datada de 01 de Outubro de 1967 e que a seguir se reproduz, assinala a criação de uma comissão de moradores para fazer uma subscrição destinada à angariação de fundos para "tratar do arranjo e reconstrução da Capela do Senhor das Injúrias (...) a qual se encontrava em estado de abandono" (sic). Esta subscrição rendeu 10.500\$30; como a despeza se cifrou em 8.361\$70, o saldo positivo foi de 2.138\$30, conforme consta da acta nº 3, assinada pelo Presidente, António Gomes Moreira; pelo Secretário, Manuel de Oliveira Costa, pelo

tesoureiro, António Ferreira e pelo 2º Secretário, António Cachada de Magalhães. As contas aparecem, ainda, na pág. 2 do já referido Livro Caixa.



A 2ª acta (datada de 1967) refere-se a uma festa em honra do Senhor das Injúrias, no final da reconstrução atrás referida, mas que "não se realizou devido ao país se encontrar de luto pela catástrofe ocorrida em Lisboa (*), ficando a referida festa para ocasião oportunamente a resolver" (sic)... De resto, quase todas as actas (algumas delas truncadas), se reportam ao melhoramento e conservação do soalho, ou à compra de adereços e utensílios vários relacionados com o culto da capela, sendo tudo muito bem descriminado e devidamente contabilizados os seus custos. Aliás, "quando se fez a capéla e se fazião os peditórios tôda a gente dava o que podia" (sic)...

A última acta é de 5 de Setembro de 2004 e nela consta a referência à celebração, pelo Padre Fernando Leite, das Bodas de Ouro matrimoniais de um casal, presumivelmente da Avenida Artur Soares, com a "capela cheia" de amigos e outros convidados.



(*) Segundo relatos da imprensa da época, "na noite de 25 para 26 de Novembro, de 1967, desabou na região de Lisboa uma tromba de água. Na chuva copiosa que inundou Alenquer, Loures, Odivelas Quinta...acabaram por morrer cerca de 700 pessoas, para além de muito avultados prejuízos e cerca de 1.1000 desalojados".

NOTAS:

- 1. O principal objectivo deste trabalho foi, única e simplesmente, destapar o "baú" das recordações e avivar, ainda que de modo simples e singelo, a memória de um legado histórico/religioso que é pertença de todos nós.
- 2. Para uma melhor e mais completa informação do que atrás fica dito, desde já se aconselha a leitura dos fascículos I e II de" Alminhas, Nichos e Cruzeiros de Portugal", anos 1957/1958, com texto de Luís Pinheiro, direcção artística de Luís de Campos, e orientação do Rev. Cónego Dr. Luciano Afonso dos Santos.

AGRADECIMENTOS:

- 1. Os meus agradecimentos ao Sr. José Braga, pela possibilidade que nos deu de acedermos às actas acima referidas.
- 2. Igualmente os meus sinceros agradecimentos ao arquitecto Daniel Pinto pela preciosa colaboração do mapa ilustrativo, que elaborou, e graciosamente ofereceu.

Julho 2014